



CARTOGRAFIA GEOGRÁFICA DA EXPANSÃO DA CANA DE AÇÚCAR E SUA PRESSÃO NA CRIAÇÃO DE BOVINOS EM MS

Ucleber Gomes Costa
uclebergomes@gmail.com

Resumo:

Este texto objetiva trazer uma reflexão acerca da expansão da cana de açúcar e seus desdobramentos no Mato Grosso do Sul a partir de um mapa produzido por um estudante do Ensino Médio, intitulado “O rastro do boi e o nó da cana em Mato Grosso do Sul: cadê o homem?”, visto de sua pressão na produção de alimentos especialmente na produção de carne bovina e indiretamente na produção de mandioca para féculas, amidos modificados e sagus. O Mapa analisado faz parte de uma cartografia geográfica não convencional, ou seja, uma cartografia que não segue os parâmetros dos cartógrafos tradicionais, mas que almeja mostrar e construir espaços em contato com leitores não necessariamente cartógrafos, que possam fazer suas leituras ou redesenhá-las com maior facilidade do que nos parâmetros de uma cartografia superespecializada. Isto se justifica devido ao indisciplinamento da cartografia cada vez mais fazer parte do nosso cotidiano e conseqüentemente, do desuso gradativo da cartografia convencional. Assim, este trabalho segue um parâmetro de um “novo renascimento” como diria Cristóvam Buarque (1994), onde a ciência dura, dar lugar a um saber científico articulado com a arte, como também colocou Hissa (2006), mas numa perspectiva da renovação do pensamento de uma cartografia espacial abordado por COSGROVE (2008), CRAMPTON (2008), MASSEY (2008), LOIS (2009), OLIVEIRA JR (2012) e WOOD (2013). Assim, através deste trabalho conseguimos demonstrar que a cartografia geográfica não convencional pode ser realizada por estudantes com criatividade utilizando a arte como fundo e não somente a técnica e a ciência cartográfica (ciência dura).

Palavras-Chave: Cartografia Geográfica. Cana de açúcar. Indisciplinamento da cartografia. Novo Renascimento.

Introdução

Este trabalho foi produzido a partir da disciplina “Tópicos Especiais I: Cartografia geográfica e pensamento espacial” ministrada pela Profa. Dra. Gisele Girardi (UFES), que discute um conjunto de autores e mostram a passagem de uma cartografia corporativa dos cartógrafos firmada na técnica e na ciência dura, onde seus conceitos têm fronteiras secas entre as ciências e demais saberes, desconsideram a criatividade artística e inviabiliza a crítica espacial, e entram epistemo e metodologicamente, numa produção cartográfica não apenas ligada aos interesses do Estado (mapa fechado), mas em representações mais democráticas onde a arte integrada com a ciência ajuda a fazer esta passagem libertadora do entendimento e produção do espaço (Veja o Mapa 1, e entre na discussão).

Mapa 1 - O rastro do boi e o nó da cana em Mato Grosso do Sul: cadê o homem?



Fonte: SILVA, Tiago Dionízio da; COSTA, Ucleber Gomes. Foto tirada de um aparelho celular Motorola com câmara de 5 Mega Pixels.

O mapa que serviu para base de observação para o traçado deste mapa artístico foi um mapa de Mato Grosso do Sul comercializado pela empresa paulista “Multimapas”. No entanto, este mapa artístico não obedece escala ou qualquer outra medida métrica. Apenas o formato de mapa mais ou menos de Mato Grosso do Sul foi obedecido devido considerar a facilidade de identificação pelo leitor de Mato Grosso do Sul.



O material utilizado para a elaboração deste mapa foi uma cartolina, borracha e lápis. A construção do mapa se deu propositalmente a partir da relação entre expansão da cana de açúcar em porção de Mato Grosso do Sul, predominantemente, sobre área de pastagem. Assim, o estudante do Ensino Médio com iniciais do nome TDS tracejou todo o desenho, visto que ao tracejar também pensou nas expressões do tracejo.

O título do mapa já aponta para uma racionalização, quando pergunta cadê o homem. É claro que o homem não aparece personificado diretamente no mapa, no entanto, aparece nas relações socioespaciais pretendida serem colocadas de forma direta e indireta na ilustração.

A direção do mapa é representada por uma cabeça de boi com pretensão de representar o agronegócio em Mato Grosso do Sul. O S (do Sul), enigmaticamente é uma cana retorcida com seus nós que aponta para esta atividade em expansão pós-anos 2000. Geometricamente, o tracejo do mapa tem em seus interstícios, uma espacialidade distinta entre Leste e Oeste. No Leste aparece a atividade canavieira em contato com a pecuária, além da mandiocultura. Já no Oeste, aparece a pecuária e também animais selvagens que traz a conotação de uma natureza articulada com a atividade turística.

A cana, geometricamente, aparece no mapa espacializada no Centro-sul, Sudeste, Nordeste e Norte de Mato Grosso do Sul, em contato com o boi ocupando áreas de pastagens. No mapa representativo, a cana aparece tangendo o boi com um facão, lembrando que ainda 7% do corte da cana no estado é manual. A racionalidade trazida pelo capital para o campo é representado pela figura de uma grande colhedeira de cana. Foi através do investimento em grandes máquinas que colhem diariamente o equivalente a 100 homens, que 93% da colheita é feita por maquinários com trabalhadores assalariados no campo em Mato Grosso do Sul.

Na porção Leste do mapa, as figuras foram desenhadas voltadas para o Oeste, pois as atividades, principalmente a canavieira, vêm de investimentos majoritariamente do desmanche e retirada de usinas do estado



de São Paulo (a leste), mas também com investimentos estrangeiros, onde foram implantadas em Mato Grosso do Sul.

Na porção Oeste do mapa, a figura do bravo jacaré, às vezes reverenciado pelos índios, a curiosa capivara e o tuiuiú, símbolo do estado (do Pantanal) de Mato Grosso do Sul, observam e resistem o Leste, protegido da cana pela as Leis Ambientais, mas em convívio com a pecuária extensiva em sua maior parte.

As figuras da onça sangrando pela boca, o tamanduá moribundo e o coco macaúba caído, demonstram e representam a pressão das atividades agropecuárias sobre a natureza. Isto lembra-nos não só os animais encontrados mortos à beira das rodovias por caminhões e outros carros carregando cana, mas as queimadas vezes criminosas praticadas pelos usineiros em pretexto de incêndio despretensioso que prejudica o meio ambiente, até a devastação e retirada total de árvores de grandes áreas para o plantio.

O rastro do boi encontrado no mapa ilustrativo, aponta para a mobilidade do boi entre espaços municipais e também, para a ocupação da cana em áreas de pastagens e o desaparecimento do boi nestas áreas, restando apenas o rastro da história do lugar, que teve o boi no passado ocupante deste espaço. Lembrando que há relação direta entre áreas relativamente de pastagens degradadas que necessitavam em grande medida de serem reformados e, com a chegada da cana, conseqüentemente, os fazendeiros preferiram arrendar para usineiro a reformar, passando a praticar o rentismo, pois apenas recebem pela renda da terra sem trabalha-la.

Antes da entrada do capital canavieiro nestes espaços, os fazendeiros costumavam arrendar áreas de pastagens degradadas, temporariamente, para a plantação de mandioca, para posteriormente com o dinheiro da renda da terra reformar as pastagens. Nesta relação, e com a entrada do capital canavieiro na implantação de usinas e arrendamentos de terras, em apenas cinco anos (entre 2006 à 2011), o preço da terra e do



arrendamento dobraram no Leste de Mato Grosso do Sul como apontou estudo de COSTA (2012).

Assim, com a cana entrando em áreas de pastagens degradadas e secundariamente, em áreas de outras lavouras como soja, milho e mandioca, houve aumento nos custos de produção destas lavouras. O símbolo da Moeda Real sobre a mandioca (visto que cerca de 30% dos plantadores de mandioca da microrregião de Ivinhema de Iguatemi, são arrendatários), representa este encarecimento na produção de alimentos em Mato Grosso do Sul devido desdobramento da entrada do capital canavieiro para produção de açúcar e de álcool.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto objetivou trazer uma reflexão acerca da expansão da cana de açúcar e seus desdobramentos no Mato Grosso do Sul a partir de um mapa intitulado “O rastro do boi e o nó da cana em Mato Grosso do Sul: cadê o homem?”, na perspectiva de uma junção de saberes articulados com a cartografia geográfica, tentando sair de uma dimensão da cartografia altamente especializada com parâmetros duramente técnicos para entrar com mais flexibilidade no cotidiano dos estudantes e das demais pessoas da sociedade que não são cartógrafos, através da arte articulada com a discussão científica.

As fronteiras entre os saberes científicos e artísticos aqui foi colocado em contato para trans fazer e integrar o conhecimento a cerca da expansão do capital canavieiro, seus impactos e desdobramentos na produção pecuária e agrícola (alimentar) sul-mato-grossense em substituição do açúcar e álcool o que trouxe encarecimento destes como já relatado.

Portanto, a realidade hoje é lida e cartografada de diversas formas sem metodologia única, mas sempre voltada para o melhor entendimento e popularização dos saberes, saindo do distanciamento da realidade conceitual insolada do cotidiano e passando para a entrada em um mundo do pensamento de uma representação cartográfica e geográfica não apenas



popularizada, mas mais ligada ao entendimento do real pela via de uma ética mais relativa da articulação entre ciência e arte.

BIBLIOGRAFIAS

BUARQUE, Cristovam. *A Aventura da Universidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. P. 16-17.

COSGROVE, Denis. Cultural cartography: maps and mapping in cultural geography. *Annales de géographie*, v.2, n. 660-661, p. 159-178, 2008. Disponível em: < <http://www.cairn.info/revue-Annales-de-geographie-2008-2-page159.htm>>;

COSTA, Ucleber Gomes. *INDUSTRIALIZAÇÃO E RELAÇÕES DE TRABALHO NAS FECULARIAS DE MATO GROSSO DO SUL*. 2012. 228 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Geografia, Departamento de Pós-Graduação *stricto sensu* em Geografia, Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-geografia/dissertacoes/ucleber-costas>>. Acesso em: 03 abr. 2012.

CRAMPTON, Jeremy. W.; KRYGIER, John. Uma introdução à Cartografia Crítica. In: ACSELRAD, Henri (Org.). *Cartografias sociais e território*. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008, p.85-111. Disponível em <www.ettern.ippur.ufrj.br/publicacoes/58/cartografias-sociais-e-territorio>;

DEL CASINO, Vincent J.; HANNA, Stephen P. Beyond the “binaries”: A methodological intervention for interrogating maps as representational practices, *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, v. 4, n.1, p. 34–56, 2006. Disponível em: <http://www.acme-journal.org/vol4/VDCSPH.pdf>;

FERREIRA, Álvaro Mendes. Abstração Espacial e a Cartografia da Idade Moderna. In: *III Simpósio Luso-brasileiro de Cartografia Histórica*, 2009, Ouro Preto. ANAIS III SLBCH, 2009. Disponível em < https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/ferreira_abstracao-espacial-e-a-cartografia-da-idade-moderna.pdf>;



HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras: inserções da Geografia na crise da modernidade*. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2006.

KITCHIN, Rob; PERKINS, Chris; DODGE, Martin. Thinking about maps. In: ____ (Eds.) *Rethinking Maps*. Routledge, 2009. Disponível em: < http://personalpages.manchester.ac.uk/staff/m.dodge/Rethinking_Maps_Introduction.pdf>;

LOIS, Carla. Imagen cartográfica e imaginarios geográficos. Los lugares y las formas de los mapas en nuestra cultura visual. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de septiembre de 2009, vol. XIII, núm. 298. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-298.htm>;

MASSEY, Doreen. Caindo nas armadilhas do mapa. In: _____. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 159-165;

MOREIRA, Ruy. A representação e o olhar da geografia num contexto de espaço fluido. In: _____. *Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria social crítica*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 179-186;

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar. *Revista Geografares*, nº12, p.01-49, Julho, 2012. Disponível em: < <http://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/3187>>;

WOOD, Denis. Dogma visualizado: estado-nação, terra, rios. In: Wenceslao Machado de Oliveira Júnior; Valéria Cazetta. (Org.). *Gráfias do espaço: imagens na educação geográfica contemporânea*. 1ed.Campinas: Alínea, 2013, v. 1, p. 23-51.